

B

N.º 132.569

R.º

SESMA S

I



OFERTA



-5. MAR. 1979

EVORA

*Minerva Commercial*

2504-C

*Filipe dos Santos*

EVORA TEL. 2269

13  
32.569

# SESIMAS (1)

## I

*A Annibal Fernandes Thomaz*

Não é justo  
Que o continuo zum, zum do consoante,  
Que o ouvido agita só, a alma não,  
Esírie o fogo que na Ideia nasce.

GARÇÃO.

Pergunta, amigo meu, que faço agora?  
O que escrevo, o que leio, em que medito?

---

(1) Em um livro sobre litteratura, escripto em francez, da Bibliotheca da Manisola, li eu uma classificação de composições poeticas, que chamando *Pastorellas* ás canções dos pastores e *Albas* ás da manhã, ás da tarde chamava *Sesmas*. Perdido um apontamento, que tomára, nem lembro o nome do auctor nem o titulo do livro, nem encontro o termo em Dictionarios. Deverá vir do *sex* latino e significar a sexta parte do dia, como nas Horas Canonicas: Prima, Tertia, Sexta e Noa; etc., donde nos vem *sexta* como da *tarde*, visto ser certo que Jesus Christo expirou perto da hora da noa (depois das tres da tarde) como nos diz S. Matheus, e o relacionarem-se com a paixão e morte do Redemptor essas horas:  
Sexta cruce neçtit.

Dar-lhe resposta vou leal e franca,  
Em soltos versos que só prosa lembram.

Já nada escrevo, que valor contenha,  
(Se algum'hora o tiveram meus escriptos:)  
Só lá de longe em longe, um artiguinho  
Sobre mil nadas, e mil *cousas urgicas*  
D'aquellas de que falla o Manoel Mendes  
Alinhavando vou unicamente,  
Quando m'os pede alguém, ou mesmo quando  
Prurido estranho a escrever me força.

Preciso de mostarda estimulante  
Como da ingleza me carece o estomago.

Deve bem concluir destas premissas  
Como velho já sou, e, decadente,  
Pouso meus passos nos degrãos extremos  
Da escada fatal da vida humana.

Trago o tédio a meu lado, evito os homens,  
Por companheiro ter a um cão somente. (1)

Mil considerações sobre a amizade  
Faço em meu cogitar, muito mais vastas  
Do que as que fizera o grande Cicero,  
Chegando 'nelle, oh! céos! a pôr em duvida  
A existencia da famosa diva!  
Ou quando menos seja, a só ver 'nella  
A imagem de um egoismo disfarçado,  
Do interesse pessoal deste ou d'aquelle.

---

(1) Inutil é o fallar em excepções.

Candida sympathia immaculada  
 Occupa no meu peito o logar della.

Mas, deixando este plano muito esconso  
 Em que posso cair, quebrar a espinha,  
 O que leio direi: compulso apenas  
 Tal ou tal livro, que me ensine um tanto,  
 Que me chame a attenção 'num ponto ou 'noutro;  
 Que lel-o inteiro, como 'noutros tempos,  
 Em que mais os devorava do que os lia,  
 Isso não pode já minha vontade;  
 E não é, conhece-o bem, por ser um sabio,  
 Mas porque mais tresleio se mais leio.  
 Contento com o pouco, que possuo,  
 Que chega para mim e para outros,  
 Não tenho ambição de mais sciencia.

E depois, ler o quê? um mixtiforio  
 Chamado portuguez, falho de ideias,  
 Com medonha graphia horripilante,  
 'Té do publico poder sanczionada!  
 Deus me defenda de fazer tal cousa.

Caturras, caturrões, *gentes da moda*  
 Vinde cá e dizei-nos o motivo  
 Porque tal orthographia é portugueza?  
 Porque tal a não é? Porque a usaram  
 O Ferreira, Camões e Gil Vicente  
 E' pura, boa e san? E quem demonstra  
 Que acertos são os seus e não são erros?  
 Nem o *sicut voluerunt priores*,  
 Vem provar cousa alguma em taes materias,  
 Dado que o allegueis. O ponto é este:  
 Erraram os passados? Os modernos?

Demonstrae isso bem, se sois capazes,  
 As duvidas tirae de nosso espirito,

E deixae, que vae bem, correr o mundo,  
 O mundo litterario, o orthographico,  
 Os mundos todos do universo inteiro.

Deixae lá isso em paz: como na Hespanha,  
 Dae ao demo ypsilões, letras dobradãs,  
 E outros nadas que de nada servem,  
 E, quanto ser possa, retratae palavras;  
 Que, de parte os absurdos dialecticos, <sup>(1)</sup>  
 E' a mais racional orthographia  
 De quantas lembrar pôde este ou aquelle.

Seja retrato da palavra a escripta.

Eu, que assim fallo e não dou exemplo,  
 E' porque sou qual papagaio velho  
 Que linguas não aprende e só repete  
*Papagaio real, olá, quem passa?*  
 Ao ver passar por mim a tantos sabios.

Não façaes guerra ao Z, letra symbolica  
 Que se fende em dois *lés*, que dão comêço  
 A ladrar, lerdo, lixo, lôrpa e luxo....

Quem sabe orthographia é nosso espirito:  
 Esta ou aquella sempre bem lhe sabe.

E basta de incidentes; só me falta  
 Dizer ao meu amigo em que medito?

Medito muito na vaidade humana,  
 No fumo vão da gloria, que não compra

---

(1) De *dialectos*.

Nem vestes, nem comida, e nem da morte  
E' capaz de nos livrar, descaroavel.

Pasmo de ver como a fortuna cega  
Alcandora a alguns, e abate a outros,  
Sem pôr pontos nos *is*, exceptuando-me,  
Que, bemfadado, della me não queixo,  
Ganhando um dinheirão com tres empregos,  
(Que nem politicões me levam lampas!)  
Mui pingue cada qual, já quasi um Cresso!  
Não obstante o pensar d'aquelles  
Que, qual Tolentino, choramigas  
Em sua insensatez, em seu despeito  
Com a penna na mão tal me proclamam!...

Sonho, por fim, acabar 'num canto,  
A' transtagana capital fugido,  
Como fogem os cães aos crocodilos  
Nas planas margens do famoso Nilo.

Se quizer, pergunte mais, pergunte,  
Em quanto responder-lhe ainda posso  
Deste mundo sublunar, em que vivemos  
Hospedes de um dia. E adeus, amigo.

*Post scriptum.* Entenda esta missiva  
Falta de notas, como melhor possa,  
Até que um dia lh'as darei meudinhas.

Evora, Julho de 1903.

B. T. R.



